LETÍCIA RODRIGUES DE OLIVEIRA

RESUMO
Seguindo o tema inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista, consegue-se demonstrar em meio ao desenvolvimento do tema, que quando a família fica mais próxima da instituição escolar de seu filho, os problemas passam a serem melhores compreendidos. Tem como objetivo, analisar como ocorre a inclusão no campo educacional de alunos que possuem distúrbios considerado Transtorno do Espectro Autista. Portanto quando a educação trabalha com alunos que possuem distúrbios considerados Transtorno do Espectro Autista, o assunto passa a ser mais delicado, mas quando a parceria de família e escola está totalmente integrada, a educação mostra novos caminhos a serem trilhados, onde se consegue trabalhar de modo inclusivo, estratégico, desenvolvendo junto com os alunos, novos rumos a serem seguidos e alcançados, de modo que a criança com Transtorno do Espectro Autista possa se desenvolver e conseguir observar o mundo, sabendo lidar com todos que estão a sua volta. Justifica-se a escola do tema, pelo fato de saber que a sociedade a qual se vive é vista como exclusiva, sendo assim, será mostrado que a luta é persistente para que pessoas especiais consigam se inserir sem preconceitos em meio à sociedade, pois é através do campo educacional que as instituições escolares junto com familiares poderão percorrer um caminho que pode resultar em sucesso. A metodologia abordada é através de referencial teórico com junção de ideias de diferentes autores.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista. Escola. Família. Inclusão

INTRODUÇÃO

De acordo com o trabalho apresentado, ressalta-se sobre como trabalhar com crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista, ressaltando como a família pode contribuir para que esse processo inclusivo obtenha sucesso dentro do campo educacional.
O trabalho tem como objetivo, analisar como ocorre a inclusão no campo educacional de alunos que possuem distúrbios considerado Transtorno do Espectro Autista.
Quando a educação trabalha em conjunto, escola e família, o processo de socialização fica mais fácil de ser mostrado na prática, e assim todos passam a entender que a responsabilidade de se mostrar interesse na criança, não é apenas da família ou somente da escola, e sim de ambos, pois é através dos mesmos que a criança pode conseguir sucesso tanto escolar como profissional.
Mas o que vem acontecendo é que muitos pais estão confundindo sua função com a obrigação da escola, e sendo assim, acabam despejando a maior parte de suas responsabilidades, todas para o ambiente escolar, e não é assim que deve acontecer.
E quando se sabe dividir muito bem o papel de ambas, e uma pode cooperar com a outra, tudo se torna mais compreensível e melhor de se alcançar o sucesso escolar, obtendo menores chances de fracasso, sendo neste exato momento que se depara com a importância que se tem de se manter uma boa relação entre família e escola.
O trabalho a qual pode ser cooperado entre família e escola serve também para ambos compreender e saber lidar com dificuldades, como no caso de alunos/filhos com Transtorno do Espectro Autista.
Pois mesmo sabendo que a causa do Transtorno do Espectro Autista são desconhecidas, a criança merece toda atenção, assim como a família deve se inteirar sobre o assunto, para melhor saber lidar com a criança.
Segue-se uma metodologia focada em referenciais bibliográficos, a qual contribuiu para o desenvolvimento do artigo, que foi desenvolvido referente ao tema proposto.

PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

a Fundação Abrinq (2018) a importância da família fazer parte do ensino escolar de seus filhos, faz com que a sua responsabilidade vire transmissora de saberes, conhecimentos e hábitos da cultura que foram construídos ao longo da sua história e que vem pas-

sando de geração a geração. Essa vivência é fundamental na relação de pais com os seus filhos, pois, é obrigação dos mesmos educar para que a escola possa ensinar a ler e a escrever de forma que consiga lidar com crianças educadas e prontas para receber a educação através da linguagem, diante de conhecimentos científicos.

Pois a educação começa no ambiente familiar, onde se formam os primeiros valores, hábitos e referências culturais, o que deve ser entendido é que a família não substitui a escola, assim como a escola não substitui a família, e sim são papéis complementares. Quando os pais assumem sua responsabilidade como educadores no cotidiano, criando um ambiente de respeito, diálogo e incentivo ao aprendizado, contribuem para que a criança chegue à escola mais preparada emocional e cognitivamente para o processo formal de ensino, fortalecendo a parceria entre escola e família e ampliando as chances de sucesso no desenvolvimento integral do aluno.

Felippi e Itaqui (2015) citam em seu contexto que nesse processo a família passa por uma contínua transformação, desde a sua estrutura, organização, crenças, valores e sentimentos que estão interligados entre pais e filhos. Sendo assim, para que haja uma educação familiar é necessário que a família passe por algumas intervenções sociais que devem apoiar preparar e ajudar esses pais numa relação harmoniosa com seus filhos. A partir do século XVII foi reforçado o papel dos pais na escola, tendo como finalidade orientá-los quanto aos seus deveres e responsabilidades. Através dessa mudança a família tem por obrigação participar da vida escolar dos seus filhos e ajudar a escola na aprendizagem do mesmo, além disso, a responsabilidade e o comprometimento com o estudante devem partir tanto da família quanto da escola.

Segundo Freire (1970), a identidade pessoal da criança é construída através do relacionamento que o mesmo obtém com sua família, sendo neste ambiente familiar que a criança irá desenvolvendo suas habilidades cognitivas e sociais, despertando seu sentimento de afeto, onde os envolvidos aprendem juntos, seja numa atividade ou brincadeira, sendo assim a família sempre deve estar aberta ao diálogo constante com seus filhos, para que a sua participação seja ativa de modo que construa novos saberes.

Segundo Souza (2009), é necessário obter sempre uma relação amigável entre família e escola, mostrando que ambos devem ter como objetivo educacional favorecer e analisar a percepção do aluno, tendo-o como principal alvo. Visto que a escola não deve deixar de exercer a sua função educacional junto aos pais, onde possam ficar a par de tudo o que vem a acontecer no âmbito escolar, discutindo, informando e orientando-os sobre variados assuntos, e a escola deve sempre esperar um retorno da família.

E aqui temos um ponto essencial para o sucesso da educação: a construção de uma parceria sólida e amigável entre família e escola, onde ambos devem atuar com um objetivo comum, visando o desenvolvimento integral do aluno. Quando há diálogo constante, transparência e cooperação entre essas duas esferas, o aluno se sente mais seguro, valorizado e motivado. A escola, além de ensinar conteúdos, tem o dever de envolver os pais no processo educativo, informando-os e orientando-os sobre o desempenho, comportamento e necessidades das crianças. Ao mesmo tempo, é importante que a família se mostre presente, oferecendo apoio e respondendo às iniciativas da escola. Essa relação mútua fortalece a percepção de que educar é uma tarefa coletiva e contínua.

O QUE VENHA A SER O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

De acordo com Melo (2007), o Transtorno do Espectro Autista ficou conhecido por volta de 1944, através de um médico austríaco, onde descreveu um livro, onde informa sobre os distúrbios diferenciados a qual a criança pode apresentar ao longo de seu desenvolvimento. Diante de estudos, consegue-se afirmar que o Transtorno do Espectro Autista pode ser mais frequente no sexo masculino, porém não escolhe raça e muito menos classe social para se manifestar.

Mesmo não sabendo as reais fontes que causa o Transtorno do Espectro Autista, é importante que durante uma gravidez se tome todo cuidado que for necessário, e assim não fazer uso do que pode prejudicar a

gestação, como: fumo, álcool, entre outros (MELO, 2007).

Vemos então uma contribuição relevante ao abordar aspectos históricos e sociais do Transtorno do Espectro Autista (TEA), contudo é fundamental compreender o TEA como uma condição que afeta o desenvolvimento neurológico e que pode se manifestar de diferentes formas, variando de pessoa para pessoa. De fato, a maior prevalência entre meninos já foi amplamente observada em estudos, mas é essencial ressaltar que o autismo não faz distinções de raça, classe social ou origem, o que reforça a necessidade de políticas públicas e práticas educativas inclusivas para todos.

A menção aos cuidados na gestação também é importante, embora as causas exatas do TEA ainda não sejam totalmente conhecidas. Estudos apontam que fatores genéticos têm forte influência, mas também se investigam fatores ambientais. Assim, orientar gestantes sobre hábitos saudáveis é uma atitude preventiva válida, mas é fundamental evitar culpas infundadas, pois o transtorno é multifatorial e muitas vezes independe do comportamento da mãe durante a gravidez. Além disso, é imprescindível que o diagnóstico precoce e o acompanhamento profissional adequado estejam disponíveis para todas as crianças, pois quanto antes for iniciado o suporte, melhores são as possibilidades de desenvolvimento e inclusão. O entendimento do autismo deve ser baseado no respeito à diversidade humana e no compromisso com a inclusão.

Segundo Melo (2007), dentre 30% das crianças a qual apresenta Transtorno do Espectro Autista, passam a ter epilepsia, sendo comum em crianças ou até mesmo em adolescentes, porém mesmo diante das manifestações citadas, ainda não passa ser suficiente para diagnosticar o Transtorno do Espectro Autista. O Transtorno do Espectro Autista também possui simples e elevadas complicações, sendo exposto de grau leve ao severo, considerando um distúrbio que compromete o desenvolvimento da criança, e assim as dificuldades são de comunicação, socialização e de imaginação:

Dificuldade de comunicação: relacionado à dificuldade em se apresentar, comunicar, tanto de forma verbal como não verbal, incluindo gestos e ritmos.

Dificuldade de socialização: diante desta dificuldade, não há como ter falsas interpretações, pois essa etapa faz com que a criança tenha dificuldades, ou até mesmo seja incapaz de compartilhar sentimentos, emoções, entre outros. Pois ao mesmo tempo em que a criança com Transtorno do Espectro Autista não gosta de conversar, ela gosta de abraçar, assim como ter gestos carinhosos sem fazer diferenciação de pessoas.

Dificuldade de imaginação: dificuldades de aceitação, e principalmente de mudanças. Alguma chegam a apresentar a ficção por certos assuntos.

E quando se fala em sintomas, de acordo com Rita e Stanley (2008), os sintomas da pessoa com Transtorno do Espectro Autista podem variar de pessoa para pessoa, pois somente com um diagnóstico preciso que se consegue notar devido ao comportamento o grau a qual corresponde. As características que uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista apresenta acabam mudando ao longo do tempo, chegando a obter diferenças bem notáveis. Analisando uma criança em desenvolvimento, quando ela passa a apresentar dificuldades diante de ser uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista, ela passa a obter dificuldades já nos seus primeiros meses de vida, passando a não se interagirem, evitando o contato visual.

TRATAMENTO E EDUCAÇÃO PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E COM DISTÚRBIOS

Martins (2022), este tratamento para crianças com Transtorno do Espectro Autista, se desenvolveu nos anos 60, na faculdade de medicina dos Estados Unidos, porém passou a ser utilizados em vários estados, tendo como desenvolvedor Dr. Eric Schoppler. De acordo com este tratamento, tem como objetivo avaliar a criança, considerando seus pontos fortes e ressaltando suas maiores dificuldades. Este tratamento se baseia de modo muito organizado, onde a criança será avaliada através de quadros, painéis, verificando como ela se adapta em determinados ambientes, visando desenvolver a independência dela, onde ela saiba que a contribuição do professor é importante, porém fique ciente que deve se manter ocupada de for-

ma independente.
Mesmo sendo um tratamento que tem como base o melhor desenvolvimento da criança, houve críticas por este tratamento estar sendo vinculado em crianças com alto nível de funcionamento, e por algumas pessoas acharem que as crianças estavam sendo "robotizadas". Seguido do tratamento, visa analisar também o comportamento da criança que possui Transtorno do Espectro Autista, tentando ensinar habilidades que ela ainda não adquiriu, lembrando que a forma a qual a mesma é ensinada, é totalmente individual.
Segundo Melo (2007, p. 37), afirma que há dois pontos importantes para ser trabalhado o comportamento da criança que possui o Transtorno do Espectro Autista "o primeiro ponto importante é tornar o aprendizado agradável para a criança. Segundo ponto é ensinar a criança a identificar os diferentes estímulos".
Outro sistema que contribui para o melhor desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista é o Sistema de Comunicação através de figuras, que foi desenvolvida com o objetivo não apenas de ajudar crianças, mas também adultos que possuem Transtorno do Espectro Autista e demais distúrbios. Este sistema é prioritário para pessoas que possuem Transtorno do Espectro Autista que obtém maiores dificuldades de se comunicarem ou até mesmo que não se comunicam.

EXCLUSÃO E INCLUSÃO

Segundo Lago (2007), de acordo com a resolução de 11 de setembro de 2001, ressalta que frente a alunos que obtém necessidades especiais, para que o processo educacional deve ser mediado entre os mesmos, deve apresentar:
Dificuldades de aprendizagem;
Dificuldade de comunicação;
Altas habilidades ou superdotação.
Porém sabe-se que apenas a legislação não é totalmente suficiente para fazer com que a inclusão aconteça nas instituições escolares, até porque acabou que sente comum, algumas escolas fazerem exames admissionais para verificar se o aluno preenche alguns requisitos para poderem ser aceitos (LAGO, 2007).
Embora existam legislações que assegurem o direito à educação inclusiva, a prática nas escolas muitas vezes está distante do que a lei prevê, pois mesmo com resoluções que reconhecem e categorizam as necessidades especiais como dificuldades de aprendizagem, de comunicação, e altas habilidades, a efetivação da inclusão ainda encontra resistências e barreiras estruturais, culturais e atitudinais.
A prática de exames admissionais em algumas instituições para selecionar alunos com base em critérios que, muitas vezes, excluem aqueles com necessidades específicas, é profundamente preocupante e vai contra os princípios da equidade e do direito universal à educação. Inclusão verdadeira exige mais do que normas, requer formação continuada de professores, adaptação curricular, recursos pedagógicos adequados e, sobretudo, uma mudança de mentalidade, onde as escolas devem estar preparadas para acolher todos os alunos, respeitando suas diferenças e potencializando suas capacidades.
De acordo com Ferreira (2022), passa-se ter a certeza de que a educação não está moldando os alunos para viver dentro de uma sociedade inclusiva, e sim os preparando de forma selecionada.
Pois quando se fala em inclusão escolar, no contexto de Ferreira (2022) cita que se pode obter uma educação para todos, não apenas na teoria, mas também na prática, de forma que beneficiará a todos a qual fazem parte do processo educativo.
Segundo Lago (2007, p. 22) "As escolas inclusivas propõem um modo de constituir o sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e é estruturado em função dessas necessidades". Assim, há certeza que a educação inclusiva não apenas acolhe de forma geral os alunos, como também mostra as oportunidades que todos tem perante a sociedade.
E quando se fala de inclusão, coloca-se em jogo os valores éticos, pois somente assim consegue-se deixar claro o modo de como a pessoa expõe o que pensa, analisando se consegue ou não fazer com que haja mais cidadania e justiça, de modo que contemple o aluno durante seu processo de aprendizagem.

Braga (2009) ressalta que a inclusão dentro do campo educacional é aquela que consegue fazer com que a interação e a socialização dos alunos aconteçam de forma que promova o conhecimento. Mas para que a inclusão saia da teoria e faça mais valer a pena na prática, é necessário que o professor trabalhe o conhecimento de forma intermediada entre os alunos, onde o mesmo seja o principal responsável por fazer a inclusão acontecer.

De acordo com Braga (2009), diante do século XVII e XVIII as transformações começam a ocorrer de forma que as práticas sociais de discriminação ficavam claras, assim dentro da sociedade as situações poderiam ser vistas como exclusivas. Foi uma época marcada por muitos preconceitos e rejeição, não apenas pela sociedade, mas também pela própria família de modo geral, e com o preconceito sendo transparentes, as pessoas que obtinham algum tipo de deficiência, não obtinham opções, a não ser ficarem internados em lugares como: manicômios, orfanatos, dentre outros onde passavam a ser vistos como pessoas doentes.

O tempo foi se passando, e as evoluções foram acontecendo e marcando cada contexto histórico. Chegando-se ao século XIX, conseguia-se observar uma educação fora da escola, podendo dizer que era uma educação onde protegia o "deficiente", de forma que fazia com que ele se sentia igual a todos (BRAGA, 2009).

Chegando ao século XX, Braga (2009) mostra que as pessoas que possuíam algum tipo de deficiência, passavam a ser valorizado, porém a discriminação ainda era grande, pois se entendia que estava travada uma luta entre a classe exclusiva X inclusiva, que estava preste a lutar por uma educação cada vez mais igualada a todos.

A partir de 1930, a sociedade civil começa a organizar-se em associações de pessoas preocupadas com o problema da deficiência: a esfera governamental prossegue a desencadear algumas ações visando à peculiaridade desse alunado, criando escolas junto a hospitais e ao ensino regular, outras entidades filantrópicas especializadas continuam sendo fundadas, há surgimento de formas diferenciadas de atendimento em clínicas, institutos psicopedagógicos e outros de reabilitação (JANNUZZI, 2004 apud BRAGA, 2009, p. 34).

Ainda o autor Braga (2009) chega a ressalta em seu contexto que chegando ao final do século XX, as políticas educacionais começaram e pensar em práticas mais inclusivas, fazendo com que a sociedade também se moldasse a inclusão. E assim, passa-se a evoluir para uma educação inclusiva, onde a escola passa a obter maiores objetivo e ao mesmo tempo passa a ter a função de transpassar o ensino a todos os alunos independentes de suas condições, por fim sem pré-julgamentos e preconceitos.

Mantoan (2003) ressalta que diante da exclusão escolar acaba-se obtendo uma visão a qual todos gostariam que não fizesse parte da rotina escolar, que é a "ignorância dos alunos" por quererem seguir um padrão fora de sua conduta. Mas por haver diferentes opiniões alheias, a escola acabou se tornando democrática, possibilitando que todos da rede educacional exponham suas ideias, respeitem ideias contrarias, tenham liberdade para questionar e serem questionados, podendo obter uma visão mais ampla de tudo o que está ligada a educação.

Segundo Gonzalez (2022) outro ponto a qual merece bastante atenção, é em relação aos professores, pois para obter uma sala de aula inclusiva, devem-se obter professores capacitados, para poder conseguir fazer com que a sala de aula se torne um ambiente inclusivo, de modo que atenda a todos.

De acordo com Gonzalez (2022) há outra questão que deixa a desejar relacionado aos pais, pois nem todos são compreensíveis e aceitam a inclusão, pois alguns acreditam que fazendo a inclusão acontecer, isso poderá acarretar a baixa qualidade educacional. Mesmo alguns não sabendo o real significado de integração e inclusão, a autora acima ressalta que ambos possuem significados diferentes, porém ambos expressam situações de inserção educacional diferentes, visto que o processo de interação escolar é ligado à inserção de alunos com deficiência se integrando ao ensino regular, podendo se referir também a alunos especiais podendo ter acesso à educação especial, já o termo inclusão, é ligado não apenas ao meio esco-

lar, mas também a inserção de alunos especiais em meio à sociedade e mercado de trabalho.
Ao destacar que a resistência de alguns pais à inclusão de alunos com deficiência nas escolas é um desafio significativo. Muitos ainda associam a inclusão à ideia de que ela pode prejudicar a qualidade educacional, sem compreender que o verdadeiro objetivo da inclusão é justamente garantir que todos os alunos, independentemente de suas limitações ou habilidades, tenham acesso a um ensino de qualidade, respeitando suas necessidades individuais.
Gonzalez (2022) ressalta que a integração das crianças com deficiência se deu a partir de 1969, onde houve algumas manifestações que resultou na integração escolar, onde o aluno passaria a obter maiores possibilidades dentro do campo educacional regular, mas a educação escolar junto com a instituição deve estar pronta para receber alunos especiais, para que haja sucesso no ensino aprendizado.
Pois diante da educação não estar preparada e mesmo assim fazer a inclusão acontecer, isso pode resultar no fracasso escolar, podendo fazer até mesmo com que o aluno inclusivo tenha que se deslocar para uma educação especial, causando transtorno para si próprio.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ESCOLA E PROFESSOR

De acordo com Frias (2008), a escola sempre foi um local que mostra as diferenças de perto e as fazem entender, mostrando que cada pessoa tem seu modo de ser, mas todos com o objetivo em comum, que é focar no ensino aprendizagem. Portanto, mesmo a escola sendo o local fundamental para a aprendizagem, acaba ocorrendo à necessidade de fazer com que os alunos tenham princípios inclusivos, de forma que faça valer a educação para todos, mas a realidade ainda é outra, o processo de inclusão ainda não acontece como se espera, ainda requer muita discussão.
Percebe-se então que a inclusão dos alunos não se consolidou dentro da proposta educacional de forma que possa ser analisada e concluída com sucesso, a inclusão está acontecendo como se fosse algo que deveria ser feito por obrigação e não para ajudar os alunos a entenderem que todos somos iguais com perceptivas diferentes, pois para uma instituição escolar ser vista como inclusiva, ela deve aceitar as diferenças e fazer com que os alunos entendam e valorizam cada detalhe que possa fortalecer o respeito entre todos.

Portanto, para que a inclusão de alunos com necessidades especiais no sistema regular de ensino se efetive, possibilitando o resgate de sua cidadania e ampliando suas perspectivas existenciais, não basta a promulgação de leis que determinem a criação de cursos de capacitação básica de professores, nem a obrigatoriedade de matrícula nas escolas da rede pública. Estas são, sem dúvida, medidas essenciais, porém não suficientes (FRIAS, 2008, p. 12).

O professor quando entra em uma sala de aula, ele deve se dedicar, de modo que se sinta preparado a transmitir o que está no currículo pedagógico, porém de forma compreensiva e que os alunos entendam o que deve recorrer frente à educação. Há uma deficiência existente em todo professor inicial, que é o modo como ele aplica o conhecimento aos alunos, sendo assim eles se sentem mais seguros transmitindo algo que já sabem como lidar, achando ser o melhor para as crianças e assim acabam formando alunos incapazes de pensar por si só e saber lidarem com as diferenças (FRIAS, 2008).
Mantoan (2003) ressalta que hoje se consegue entender o porquê que as políticas públicas de educação planejam ações relacionadas a cursos de especialização sobre educação inclusiva, pois acreditam sempre numa melhor capacidade dos professores, para melhor se adequarem a diferentes áreas, mas o a que está faltando é maior interesse dos professores.
Segundo Frias (2008), nos faz entender que a função do professor não é tão simples como pareça para muitos, pois a todo o momento devem estarem atentos e principalmente munidos de estratégias para saber lidar com a diversidade, pois tudo que é relacionada à educação, sempre há desafios a serem superados.
De acordo com os autores Frias (2008, p. 14),

dentro do ensino aprendizado deve-se focar também em:
Criar ambientes e salas confortáveis;
Favorecer comunicação e integração de todos os alunos;
Permitir a participação dos alunos durante as atividades;
Lutar pela aquisição de equipamentos e materiais necessários para se ter uma educação de qualidade;
Realizar mudanças necessárias;
Eliminar sentimentos que baixa valia.
Sendo assim, é importante frisar que antes dos professores receberem os alunos inclusivos dentro da educação regular, é interessante que preparem os demais alunos, em especial no sentido de conscientização sobre o respeito e a boa convivência com todos.

METODOLOGIA UTILIZADA NA ESCOLA COMO MÉTODO DE INCLUSÃO

De acordo com Gauderer (1987 apud AIRES, ARAÚJO, NASCIMENTO, 2014), as crianças que possuem Transtorno do Espectro Autista passam a obter dificuldades em soletrar algumas palavras, mas para que possam ocorrer mudanças positivas, há necessidade de um programa intenso de aprendizagem, onde possa ocorrer de forma organizada, à interação e socialização da criança junto com a aprendizagem.
Sendo assim, os autores acima ressaltam que o papel da escola junto com os professores é utilizar de estratégias que fazem com que o aluno que possui o Transtorno do Espectro Autista consiga aprender e desenvolver capacidades de modo que se interaja com outras crianças, se socializando.
Aires, Araújo, Nascimento (2014), a família também deve ser a principal responsável por incentivar a criança através do campo educacional zelando pelo seu bem-estar. Mesmo dentro do campo educacional, elas devem se sentir queridas e amadas, isso contribui muito para que o seu desenvolvimento obtenha evolução. Mesmo que o aprendizado da pessoa que obtém Transtorno do Espectro Autista seja de forma lenta, o professor deve obter muita paciência, e sempre procurar adequar o conteúdo transpassado em sala de aula para o aluno Transtorno do Espectro Autista, fazendo com que ele se sinta envolvido no aprendizado, dando atenção que for necessária.
Falar em inclusão do aluno que possui Transtorno do Espectro Autista é meio complicado, pois isso quer dizer “inserir” o aluno no meio de um contexto totalmente diferente do seu, tendo em vista que esse aluno apresenta comportamentos que necessita de maiores cuidados.
Segundo Aires; Araújo; Nascimento (2014) cita em seu contexto, que se tratando de inclusão, todo aluno deve obter possibilidades, de se ingressar diante de uma educação regular. Mas para que a inclusão seja totalmente valida, há necessidade de a educação obter uma proposta de ensino inclusivo, que favoreça totalmente a integração.
Em 2008, foi publicada a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que tem como objetivo a inserção dos alunos que possuem algum tipo de deficiência ou transtorno na educação regular. Portanto, hoje se consegue entender que a escola é um lugar apropriado para todos, onde possam adquirem conhecimentos, como também trocar ideias, experiências, se socializarem e tudo mais. Mas diante da inclusão, não é tão simples como pareça para que a mesma aconteça, pois a escola deve estar preparada e toda organizada para poder receber os alunos inclusivos (BRASIL, 2008 apud AIRES; ARAÚJO; NASCIMENTO, 2014).

CONCLUSÃO

De acordo com o trabalho pode-se afirmar que diante de contribuições de diferentes autores, consegue-se descrever um contexto que mostra como lidar com as dificuldades apresentadas por crianças com Transtorno do Espectro Autista, seguida da ajuda da família envolvida no campo educacional.
Com isso, frente aí objetivo do trabalho que era analisar como se dá o envolvimento da família através do acompanhamento do ensino aprendizado da criança que possui distúrbios considerado Transtorno do Espectro Autista, pode-se afirmar que através do desenvolvimento, tem a informação que a família pode ajudar a criança autista de modo que compreenda seu desenvolvimento e colabore com a instituição escolar.
Sendo assim, pode-se dizer que a inclusão, em especial de crianças com Transtorno do

Espectro Autista, pode ser trabalhada diante de estratégicas que podem ser utilizadas pelos professores, de modo que facilite seu aprendizado e obtenha sucesso no seu desenvolvimento.

Portanto, para que uma educação de certo, tem que obter dentro da rede de ensino, professores que estejam preparados e qualificados a ponto de conseguirem levar e transmitir o ensino aprendizado com clareza e muita paciência, principalmente no momento de fazer com que a inclusão em sala de aula aconteça.

Concluía-se que não basta acontecer mudanças dentro da educação, por variados meios, se não fazer com que os alunos se sintam motivados, inclusos dentro de uma educação que favoreça possibilidades de sempre aprender algo novo, fazendo com que professores, alunos e familiares possam obter um relacionando de trocas de informação e cooperação entre todos.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Denise. A terapia ocupacional e o ensino especial: uma nova perspectiva em educação. 2009. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-056-09.pdf Acesso em: 27 de março 2025.

FELIPPI, Geisa; ITAQUI, Luciara G. Transformações dos laços vinculares na família: uma perspectiva psicanalítica. Pensando Fam. Vol. 19, nº 1. Porto Alegre, jun. 2015.

FERREIRA, Felipe. Educação inclusiva: quais os pilares e o que a escola precisa fazer? 2022. Disponível em: https://www.proesc.com/educacao-inclusiva-o-que-a-escola-precisa-fazer/ Acesso em: 27 de março 2025.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.

FRIAS, Elzabel M. A. Inclusão escolar do aluno com necessidades educacionais especiais: contribuições ao professor do ensino regular. 2008. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1462-6.pdf Acesso em: Acesso em: 27 de março 2025.

FUNDAÇÃO ABRINQ. A importância da família na escola para o desenvolvimento da criança. 2018. Disponível em: https://www.fadc.org.br/noticias/a-importancia-da-familia-na-escola-para-o-desenvolvimento-da-crianca Acesso em: 27 de março 2025.

GONZALEZ, Mariana. Educação infantil: prática pedagógica ainda é desafio. 2022. Disponível em: https://revistaeducacao.com.br/2022/07/04/educacao-infantil-pedagogica-e-desafio/ Acesso em: 27 de março 2025.

LAGO, Mara. Transtorno do Espectro Autista na escola: ação e reflexão do professor. Pós-Graduação em Educação. 171 p. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2007.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINS, Fran. TEA: saiba o que é o Transtorno do espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares. 2022. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares Acesso em: 27 de março 2025.

MELO, Ana M. S. R. de. Transtorno do Espectro Autista. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

RITA, J; STANLEY, H. Transtorno do Espectro Autista e realidade: manual para as escolas. 2008. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/Manual_para_as_Escolas.pdf Acesso em: 27 de março 2025.

SOUZA, Maria E. do P. Família/escola: a importância dessa relação no desempenho escolar. 2009. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf Acesso em: 27 de março 2025.